

O estado da arte da Filosofia da Informação na Ciência da Informação Brasileira

Philosophy Information state of the art in the field of Information Science

por [Diego Andres Salcedo](#), [Túlio de Moraes Revoredo](#)

Resumo: O termo Filosofia da Informação bem como seu conceito analisado aqui, tem início com o filósofo Italiano Luciano Floridi, devido ao seu pioneirismo em estruturar e apresentar as teorias para o estudo filosófico da Informação. Esta pesquisa apresenta um panorama da Filosofia da Informação e suas relações teóricas com a Ciência da Informação brasileira. Visando assim, uma estruturação do panorama conceitual entre a Filosofia da Informação e Ciência da Informação. Para tal fim, foram coletados artigos nos periódicos científicos brasileiros de Ciência da Informação e nos Anais do Enancib, onde, por consequência, foram identificados quais artigos seriam analisados. A pesquisa identificou, analisou e apresentou, sob a ótica da Ciência da Informação, o estado da arte da Filosofia da Informação na literatura científica brasileira, por meio dos quinze problemas propostos por Fernando Ilharco, que teve influencia nas pesquisas realizadas por Luciano Floridi para criá-los. Desse modo, foram apontadas as principais aproximações conceituais entre esses campos de estudo.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Estado da Arte; Fernando Ilharco; Filosofia da Informação; Literatura Científica; Luciano Floridi.

Abstract: The term philosophy of information as well as its concept analyzed here, begins with the Italian philosopher Luciano Floridi, due to its pioneering role in structuring and presenting theories to the philosophical study of Information. This research presents an overview of the Philosophy of Information and its relations with the theoretical Information Science in Brazil. Aiming thus a conceptual overview of the structure between the Philosophy of Information and Information Science. To this end, we have collected articles in brazilian scientific journals of Information Science and Proceedings of Enancib where they have been identified and analyzed. The research identifies, analyzes and presents from the perspective of Information Science the state of the art of Information Philosophy in the brazilian scientific literature, by means of fifteen problems proposed by Fernando Ilharco, which had influence on the research conducted by Luciano Floridi to create them. Thus, were pointed out the main conceptual approaches between these two fields of study.

Keywords: Information Science; Fernando Ilharco; Luciano Floridi; Philosophy of Information; Scientific Literature; State of the Art.

Introdução

O surgimento da Ciência da Informação, enquanto área formal de estudo científico inicia-se com a ciência moderna, mais especificamente em meados do século xx, com a segunda guerra mundial e a consequente necessidade de gerenciamento de informações produzidas naquela época. [Freire](#) (2008, p. 3) argumenta sobre a Ciência da Informação como uma área que “*remonta suas bases a partir da emergência do paradigma do conhecimento científico na sociedade ocidental, cuja divulgação se apoiou na invenção da imprensa, em paralelo à institucionalização das universidades e à criação das primeiras associações científicas*”. As discussões dos conceitos da Ciência da Informação são de grande importância para sua sustentação teórica. [Couzinet, Silva e Menezes](#) (2007, p. 1) afirmam que a “*Ciência da Informação no mundo, desde sua criação, vivencia uma crise de identidade e suas fronteiras com outras disciplinas não estão claramente definidas*”.

A demasiada e facilitada produção de informação, sobretudo por meio de aparatos tecnológicos utilizados nas últimas décadas, gerou margem para algumas inquietações no que diz respeito ao pensamento filosófico da informação. A informação, enquanto conteúdo ganhou novas análises em relação a sua propagação e formas de inserção social, passou a ser estudada numa abordagem reflexiva, embasada na Ciência da Informação e na própria Filosofia. Para estruturação dos conceitos aqui expostos, admitiremos a Filosofia enquanto área de estudo formal, que se preocupa em analisar as questões fundamentais relacionadas às reflexões sobre a Informação. Dessa maneira, contemplaremos as discussões iniciais da Filosofia da Informação, sobre os seus conceitos e sua fundamentação teórica, bem como a sua relação com a Ciência da Informação. Este estudo surge intrinsecamente ligado às novas perspectivas da informação tecnológica que, por sua vez, remontou os estudos reflexivos sobre a informação, alertando a Ciência da Informação para o problema da informação tecnológica enquanto contexto.

Segundo [Bourdieu](#) (1989, p. 59 - 65), um campo científico pode ser definido como um conjunto de métodos, estratégias e objetos legítimos de discussão. Dessa maneira, em cada um desses elementos são diversos os procedimentos capazes de contribuir para sua fragmentação ou sua consolidação. Assim, esta

pesquisa tem como objetivo verificar a participação e o estado da arte dos debates emergentes de uma Filosofia da Informação eurocêntrica, dentro da Ciência da Informação brasileira, por meio de publicações científicas legitimadas pela comunidade científica nacional, assim como os *Anais dos Enancib's*. Para [Marques de Melo](#) (1998, p. 87), à medida que se institucionaliza um novo campo do saber, torna-se imprescindível oferecer às novas gerações um quadro histórico que estimule a acumulação orgânica de experiências, evitando-se a repetição de etapas já percorridas, mas que escapam muitas vezes à percepção dos pesquisadores neófitos.

Assim, a partir dos arcabouços conceituais citados, buscaremos analisar e apresentar um panorama sobre o estado da arte da Filosofia da Informação no debate da Ciência da Informação brasileira. Para este efeito, foi identificada a origem do debate sobre a Filosofia da Informação em Luciano Floridi, por meio de revisão da literatura científica; desde os quinze problemas propostos por Fernando Ilharco foi analisado o estado da arte da Filosofia da Informação, no Brasil, com o auxílio de exaustiva revisão bibliográfica dos periódicos científicos da Ciência da Informação e dos *Anais do Enancib*; por fim, é feita uma apresentação do panorama histórico-conceitual sobre o estado da arte da Filosofia da Informação no debate da Ciência da Informação brasileira.

O contexto da Filosofia da Informação

Historicamente, sobretudo na abordagem da Biblioteconomia, a reflexão filosófica esteve presente nos argumentos atribuídos às práticas biblioteconômicas. [Souza](#) (1986, p. 194) argumenta sobre a Biblioteconomia e a Filosofia como “*uma ciência reflexiva*” e a partir disso, propõe uma “*Filosofia da Biblioteconomia*” onde ele aborda “*como um conjunto de teorias, princípios e métodos que procuram fazer da Biblioteconomia uma ciência.*” No argumento percebe-se a intenção em alertar a necessidade de discussão filosófica na Biblioteconomia. [Souza](#) (1986, p. 194-195) prossegue definindo os conceitos: *a) a Filosofia da Biblioteconomia implica em questionar como raciocina o bibliotecário, como ele busca e se utiliza dos princípios filosóficos aplicáveis a todas as ciências, para a construção das teorias biblioteconômicas. b) Fazer Filosofia da Biblioteconomia é não colocar limites à inteligência criativa do bibliotecário, é fornecer-lhe os subsídios para teorizar e praticar; é dar-lhe condições de buscar as causas dos problemas que surgem no seio de sua profissão, é dar-lhe condições de pensar e agir de forma metódica e constante em prol da informação*

No argumento acima fica claro a visão de que o autor, ao atribuir o pensar filosófico às ações do Bibliotecário, considera a Filosofia um mecanismo de motivação e inovação do profissional. Tenta-se no pensamento filosófico que o bibliotecário busque as ferramentas para a reflexão da sua profissão e de sua atuação social. Por extensão, o autor explana alguns conceitos norteadores para uma Filosofia da Biblioteconomia: “*Filosofia da Biblioteconomia é a reflexão profunda sobre si mesma, sobre seus conceitos, abrangência, correlações, funções; é o repensar sobre tudo o que fez, faz e fará; é a reflexão sobre cada uma de suas partes e divisões, sobre cada uma de suas etapas; é a reflexão sobre o como e o por quê de cada ação bibliotecária.*” ([Souza](#), 1986, p. 195) Durante todo o argumento do autor percebe-se uma aplicação da filosofia para práticas e ações profissionais, não considerando a informação enquanto objeto de estudo e/ou enquanto fenômeno de impacto social. Isso por que é somente com a proliferação das tecnologias de acesso e uso informacional, configurada de forma mais significativa no início do século XXI, que a filosofia aplicada à ciência da informação e mais específica, a Filosofia aplicada ao objeto de estudo da *Ciência da Informação - Informação* - ganhou um pouco mais de contexto e buscou, de forma mais intensa, analisar o objeto informação. Diferentemente da “*Filosofia da Biblioteconomia*”, que buscava formalizar as práticas biblioteconômicas como ciência.

Nesse sentido, origina-se a *Filosofia da Informação*, que basicamente teve seu início derivado da inquietação acarretada pelas tecnologias de informação. [Ilharco](#) (2003) baseado em [Floridi](#) (2001) afirma que a necessidade do estudo da Filosofia da Informação, está diretamente ligada às Tecnologias de Informação e Comunicação. Dessa forma, percebe-se que os debates sobre os elementos conceituais que influenciam no processo informacional e, conseqüentemente, na Filosofia da Informação, tem uma vertente tecnológica e com seus processos sociais. Conforme Floridi, a Filosofia da Informação é um campo da pesquisa filosófica voltado à investigação crítica da estrutura conceitual e dos princípios básicos da informação e ainda da elaboração e aplicação da Teoria da informação e das metodologias computacionais aos problemas filosóficos.

Assim, a reflexão de como a sociedade se comporta diante do progresso tecnológico, leva-nos a crer que aparelhos como o celular e computador passaram a fazer parte do cotidiano, facilitando, dinamizando o acesso à informação e, conseqüentemente, a comunicação. O mundo tecnológico, de certo modo virtual, criou novas formas de relacionamentos e comportamentos, encurtando espaços e mudando os paradigmas comunicacionais. Quando argumentamos sobre tecnologia, de forma contextual, falamos em possibilidade, ou seja, tecnologia é a possibilidade de resolver problemas, de modo que, o indivíduo fará se a possibilidade existir, mesmo não sabendo como funciona ou se funciona, ou que seja esteticamente belo ou resolvido, ainda que não se entenda, mesmo que não seja aceitável, ainda sim, se puder ser feito, de alguma forma, a tecnologia fará. A tecnologia não é ciência.

A ciência desenvolve teorias, tenta entender o mundo, que tenta formalizar ou, pelo menos, sistematizar o entendimento do mundo ao nosso redor, daí as questões pertinentes à busca da verdade, dos valores, etc. A tecnologia, como dito, cria possibilidades do que é totalmente diferente da verdade, ela operacionaliza as teorias existentes (Romero, 2007). Ainda, Salcedo (2010, p. 21) afirma que: *"a estreita relação entre a Ciência e a Tecnologia é tema das agendas políticas e econômicas da grande maioria dos países. Relação tão complexa que acarretou o surgimento dos neologismos tecnociências ou sóciotecnocientíficas. Parece ser consenso que os produtos resultantes das práticas científicas e tecnológicas são, ao mesmo tempo, as glórias e as indigências de nosso tempo. Destarte, essa relação tem gerado amplos debates e pontos de vista variados. Não poderia ser de outra forma."*

De fato, esses debates têm origem no processo evolutivo da escrita e da imprensa. A cinco mil anos, o homem sistematiza a escrita e as formas de escrever, começando a fazer registros em diversos tipos de suportes, fosse uma pedra, mármore, papiro, etc. Nos dias atuais, atividades simples que envolviam transações humanas ao qual se fazia uso antes, hoje dão espaço para as novas linguagens dos softwares, numa interface virtual (Silveira, 2004). Essa nova forma de entender e "escrever" o mundo criaram novas formas de relacionamentos, o que Lévy (1996) denomina de virtualizações das ações humanas. O mundo virtual, segundo Lévy (1996), é constituído de três abstrações básicas. A primeira, talvez a mais importante, é a linguagem. Ela abstrai o presente. É por meio dela que o Ser Humano pode desenvolver formas mais avançadas de comunicação, virtualizando questões pertinentes ao futuro, podendo assim, fazer planos e lançar teorias para gerações futuras.

A segunda é a virtualização das técnicas. Elas virtualizam as ações. Nesse sentido, está o fundamento da tecnologia, a noção do projeto de uma roda, por exemplo, é uma virtualização da noção do movimento, quando se projeta uma roda para um determinado fim, está se virtualizando sua aplicação. E, por fim, a terceira são os contratos sociais, estes que virtualizam direitos e deveres, regulando e contribuindo para o convívio social. A informação muda completamente de proporções quando é conectada, quando se está em rede. A informação estática, sem acesso, desconectada do seu público em potencial, tem um valor muito insignificante do ponto de vista da penetração social, porém, quando conectada ela muda completamente seu significado por fazer parte de uma articulação muito maior. Os espaços isolados foram penetrados por um mundo que se conectou que se abriu. Isso mudou a forma de se observar o mundo ao redor, algumas verdades tidas como absolutas caíram por terra pelo acesso a informação de forma muito mais rápida. A informação em si, não pertence mais a uma única pessoa, e sim a quem consegue buscá-la e interpretá-la de maneira tal a ser absorvida.

A sociedade vive uma transição para um modo de produção em rede, ou seja, os modos de produção habilitados pela rede, onde as empresas e as estruturas formais da sociedade estão necessariamente conectadas por uma tecnologia que é mera possibilidade, não se discute se a rede é a melhor ou não, apenas se usa. Quem faz uso define sua real intenção ao utilizá-la. A apropriação das áreas do conhecimento em se posicionar diante de um cenário filosófico apropriado vem se configurando de forma muito intensa devido a necessidade de remodelamento das áreas de acordo com sua formas de interagir com a sociedade. Nesse sentido Robredo (2007, p. 62) afirma que em uma busca rápida pela internet encontrou mais de 11.000 resultados para *"Phylosophy of * "* e eliminando as repetições encontrou 300 entradas (*Phylosophy of Arithmetic, Artificial Intelligence, Biology, Business, Chemistry, Economics, Education, Engineering, Envioronment, Freedom, Geography, History, Information ...*)

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação já são estudadas na perspectiva filosófica por teóricos da área, porém, em uma abordagem apenas epistemológica. O que a Filosofia da Informação traz de novo, especialmente a partir de Floridi (2001; 2002), é pensar quais as formas de apropriação conceitual da Informação e as barreiras sobre o seu estudo. Investindo em tais análises, podemos observar que a

Filosofia da Informação é uma área relativamente nova e que está à procura de seu reconhecimento formal como um campo de pesquisa filosófica. Possui um grande potencial que é proporcionar uma reflexão de base, sob uma mesma perspectiva de fundo, a Informação, sobre os pressupostos, os métodos, os problemas e as soluções de cada vez maiores parte das atividades científicas, culturais, sociais e profissionais nas sociedades desenvolvidas (Ilharco, 2004).

A Filosofia enquanto área de estudo preocupa-se em analisar questões fundamentais relacionadas à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. Dessa Maneira, Ilharco (2003, p. 17) argumenta que a Filosofia da Informação surge em um projeto que pretende se consolidar enquanto área de estudo para entender e/ou pensar a informação de maneira filosófica, atribuindo-lhe premissas de questionamentos como, “*Quais as dinâmicas e modos de ser informação?*”. Diante dessa abordagem, Ilharco (2003) alicerçado nos conceitos propostos por Floridi (2001; 2002) em seu ensaio sobre a “*Philosophy of Information*”, aponta quinze problemas que são vitais para a estruturação da Filosofia da Informação, a saber:

- O problema ontológico (o problema de fundo, basilar, que constitui o próprio campo de reflexão e análise é a questão ontológica: qual a natureza da informação?).*
- O problema epistemológico (terá a filosofia esquecido a questão informação ao ter avançado para a questão do conhecimento?).*
- Outro problema epistemológico (Quais “ferramentas” e/ou instrumentos serão utilizados de forma apropriada para estudo e análise da informação?).*
- O problema da realidade (Que relação existe entre a informação e a realidade? É a informação realidade? O que é a realidade além da informação?).*
- O problema da verdade (a verdade, o estar correto, ser verdadeiro é ou não uma característica da informação? o que é a desinformação? É a desinformação, informação?).*
- O problema do ser (Que correspondência ou relação existe entre informação e o ser?).*
- O problema dos níveis de abstração (a que níveis de abstração se coloca cada uma dessas informações? Um 3 é o quê? O número 3, um algarismo uma quantidade, um símbolo, um desenho, um conceito, por um meio de comunicação, um acordo, conhecimento à priori?).*
- O problema dos dados (o que são dados? o que é um dado? o que distingue informação de dados? como os poderemos constatar ou distinguir de informação?).*
- O problema do conhecimento (qual a relação entre informação e conhecimento? É possível o ser humano, estar no mundo, sem conhecimento?).*
- O problema da ação (para que queremos ser informados? O que é uma informação útil?).*
- O problema da comunicação (o que é a comunicação? Será a comunicação a transmissão de informação?).*
- O problema da utilidade (a informação fundamentalmente informa. Assim, deve questionar-se: o que é informar ou ser informado?).*
- O problema da tecnologia em geral (deveremos questionar qual a relação do fenômeno da informação, e dos fenômenos que lhe são adjacentes, com o mundo tecnológico: que relação existe a eficiência tecnológica e a informação?).*
- O problema da informação tecnológica como contexto (a medida que mais e*

mais organizações absorvem o esquema contextual da informação e comunicação tecnológica, isto é, quanto mais essas entidades partilham entre si um novo esquema cognitivo, mais provável será que a sua produtividade possa subir, sendo que o contrário também se deverá verificar. A exclusão do novo contexto de produção da informação gera um “escanteamento” de quem não adere).

-O problema ético (As mudanças de comportamentos, de estruturas, de valores, de estratégias de poderes provocadas, desencadeadas ou relacionadas com a disseminação das tecnologias de informação e comunicação pelo planeta estão trazendo novos desafios e novos problemas à humanidade).

No argumento fica claro que o estudo proposto e sua problemática, estão voltados para a informação enquanto conteúdo de interação social. Nesse mesmo ponto [Floridi](#) (2002, p. 124) afirma que a Filosofia da Informação procura expandir a fronteira de pesquisa filosófica, visto que, inclui novas áreas à sua investigação porque não coloca juntos tópicos pré-existentes, proporcionando uma reordenação do cenário filosófico. [Floridi](#) (2010, p. 39) argumenta ainda que o objeto de pesquisa da Biblioteconomia e Ciência da Informação é a informação no sentido “fraco” e mais específico de dados registrados, isto é, documentos. Biblioteconomia e Ciência da Informação como Filosofia da Informação aplicada é uma disciplina preocupada com documentos e seu ciclo de vida, bem como com os procedimentos e técnicas pelos quais o ciclo dos documentos é implementado e regulado. Em outro sentido, [Robredo](#) (2007, p. 63) afirma que é função da Filosofia criar conceitos. Argumenta, por extensão, que a Ciência da Informação é uma filosofia, pois, “criou” o conceito de Informação.

Segundo o autor, esta é uma questão ontológica de difícil solução, pois, demanda o desdobramento da filosofia em níveis (*Filosofia? Filosofia das Ciências Sociais? Filosofia das Ciências Sociais Aplicadas? Filosofia da Ciência da Informação. Esta última comportaria, pelo menos, quatro vertentes: Filosofia da Biblioteconomia; Filosofia da Arquivologia; Filosofia da Museologia; e, Filosofia da Documentação*). Robredo não aprofunda a análise, destacando que o seu objetivo é verificar a contribuição do pensamento filosófico para a Ciência da Informação. Aqui já se pode observar uma grande divergência conceitual entre os conceitos elaborados por Floridi e os conceitos expostos por Robredo. Para Robredo a Ciência da Informação, enquanto área de estudo da Informação, deve contemplar a reflexão da Informação enquanto perspectiva filosófica, devido a sua ligação com as Ciências Humanas e com a própria Filosofia.

Por sua vez, Floridi admite que a reflexão da Informação será melhor contemplada se inserida em um estudo que parta dos alicerces conceituais da Filosofia, trazendo suas bases para o estudo da Informação, validando e analisando a Ciência da Informação, em seus diversos aspectos, e estruturando um estudo filosófico da Informação. Percebe-se, até então, que se trata de divergências no que tange aonde o estudo reflexivo da Informação terá sua sustentação formal, mas ao que parece, ambos concordam que tal estudo deve existir. Visualizamos ainda, autores como Frohmann (apud, [Capurro](#), 2007) que atribuem ao valor da informação à conceituação de mensagem. A mensagem é dependente do emissor, isto é, ela é baseada em uma estrutura heteronômica e assimétrica. Este não é o caso da informação: recebemos uma mensagem, porém não solicitamos uma informação. Trazem ainda discussões sobre a fenomenologia e a hermenêutica da informação, e vêm contribuindo para uma Filosofia da Informação.

Para [Francelin e Pellegatti](#) (2004, p.127) o método de estudo da Filosofia da Informação é relacional, ou seja, baseia-se na complexidade do pensamento e do cotidiano humanos e o seu objeto de estudo é a informação “liberta”, é aquela informação que não está presa a um domínio, que está fora do controle humano, mas não de sua percepção. Vislumbram ainda a problemática e estruturas conceituais para a Informação sendo estudado diante de uma Filosofia apropriada, admitindo a informação prioritariamente, como mecanismo de interação, sendo por meios diretos ou não.

Há autores que mostram a estreita relação da Filosofia da Informação, com as novas perspectivas de apropriação e disseminação da informação por parte da sociedade, como mostra [Ilharco](#) (2004, p. 35): *"A Filosofia da Informação é um projeto destinado a consolidar numa área de investigação autónoma, uma série vastíssima de problemas e questões originados e relacionados com emergência da chamada sociedade da informação. Em termos gerais ela é a colocação filosófica, sem pressupostos, rigorosa e*

radical da questão da informação. Ela é a tentativa de pensar filosoficamente a informação: o que é a informação? O que é a informação? Quais as dinâmicas e modos de ser informação? O que distingue a informação doutros fenômenos que lhe são associados, como a comunicação, os dados, o conhecimento, a ação, o ser, a diferença? O que é que permite identificar, assumir ou pressupor determinada manifestação, fenômeno ou evento como informação?"

A informação enquanto propagação social é um fenômeno que se deu por conta das Tecnologias da Informação e Comunicação, no entanto, esta nova área não deve ser tomada como a filosofia das tecnologias da informação e da comunicação, mas verdadeiramente como a Filosofia da Informação (Floridi, 2002). Apesar das novas tecnológicas terem uma enorme força na sociedade atual, e de certa forma serem um fenômeno relevante dada a sua incrível penetração na sociedade, o fenômeno de base é a informação. Dessa forma, a Filosofia da Informação se configura como primogênita na reflexão e nos questionamentos dos vários assuntos e fenômenos: *"A Filosofia da Informação privilegia a informação como o seu tópico central, em detrimento da computação porque ela analisa a última pressupondo a primeira. A Filosofia da Informação trata a questão da computação apenas como um dos processos – e talvez o mais importante – em que a informação está envolvida. Desta forma, esta área deve ser tomada como Filosofia da Informação e não apenas definida em sentido estrito como filosofia da computação, tal como a epistemologia é a filosofia do conhecimento e não apenas a filosofia da percepção (Floridi, 2004)"*.

Têm-se então a dissociação, primordialmente elaborada por Floridi, mostrando que a Filosofia da Informação não se trata de uma Filosofia da Computação, apesar da filosofia da informação ter sua fundamentação teórica diretamente ligada a tecnologias mais recentes, mas não a torna reflexiva enquanto tecnologia computacional. Porém, pode-se observar uma conflitante relação entre a informação e o seu acesso na sociedade moderna, sobretudo no contexto de mudança de paradigma advindo com o século XX que ocasionou uma maior demanda informacional e tecnológica. Como mencionado, a informação é um elemento importante na sociedade contemporânea e estudada diante de uma filosofia apropriada é fundamental para o entendimento da dinâmica e das relações que ocorrem no momento em que esta informação está em uso.

É possível verificar que a literatura atual trata majoritariamente o ambiente no qual a informação se dispõe como *"sociedade da informação"*. Para entendermos a relação entre a Filosofia da Informação e a sociedade é importante avançar no próprio conceito de Sociedade da Informação. A expressão *'sociedade da informação'* passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de *'sociedade pós-industrial'* e como forma de transmitir o conteúdo específico do *'novo paradigma técnico-econômico'*. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como *'fator-chave'* não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações. Esta sociedade pós-industrial ou *'informacional'*, como prefere Castells, está ligada à expansão e reestruturação do capitalismo desde a década de 80 do século que termina. As novas tecnologias e a ênfase na flexibilidade – ideia central das transformações organizacionais – têm permitido realizar com rapidez e eficiência os processos de desregulamentação, privatização e ruptura do modelo de contrato social entre capital e trabalho característicos do capitalismo industrial. (Werthei, 2000, p. 71)

Porém, em outra análise Barreto (2007, p. 14), afirma que *"A sociedade da informação é uma utopia de realização tecnológica e a do conhecimento uma esperança de realização do saber"*. Essa análise deixa evidente a observação de uma sociedade técnica em suas formas de relações de transmissão da informação, ação meramente mecânica que não reflete sobre o objeto em questão, como Barreto (2007, p. 15) prossegue afirmando, *"a sociedade da informação está limitada a um avanço de novas técnicas devotadas para guardar, recuperar e transferir a informação"*. Temos então uma configuração paradoxal sobre Sociedade da Informação e Filosofia da Informação, ou seja, se como afirma Barreto que a Sociedade da Informação é um fenômeno meramente técnico, e a Filosofia da Informação é uma tentativa de estudo reflexivo sobre a informação e sua aplicação, como afirmam os autores já mencionados aqui, chegamos ao questionamento se estamos de fato, refletindo sobre uma técnica aplicada na sociedade, ou a *"uma utopia de realização tecnológica"*?

A técnica em si não precisa, ou pelo menos, não pretende abordar estudos basilares e filosóficos, a técnica é uma aplicação prática da teoria. Logo, o que está em questão para uma análise estrutural e filosófica é a

informação, tendo em vista que a informação existe enquanto teoria, mas suas formas de disseminação e acesso podem ser efetivamente técnicas a serem reproduzidas e não refletidas. Podemos observar divergências entre autores da área que se propõem a pesquisar e teorizar sobre a Filosofia da Informação. Essas divergências não mostram apenas a tentativa de consolidação da nova área, mas também, a necessidade de um remodelamento do pensar filosófico da área de Ciência da Informação sobre seu objeto. Emblemática, paradoxal, ontológica e todos os outros problemas que cercam uma área de estudo ainda não consolidada por completo. Debates como os supracitados são de fundamental importância para uma estruturação Filosófica da Informação. Contudo, podemos afirmar que a Filosofia da Informação é uma área de estudo em formação que observa a informação em seus diversos níveis.

Admite sua intrínseca relação com a sociedade, mesmo esta fazendo uso da informação por meios técnicos e não reflexivos. Aborda a informação enquanto perspectiva de futuro, observando a evolução das novas Tecnologias de Informação e Comunicação e, como se pode observar e estruturar configurações teóricas para informação. A Filosofia da Informação configura-se como campo da pesquisa filosófica voltado para a investigação crítica da estrutura conceitual das elaborações e aplicações da teoria da informação e das metodologias computacionais aos problemas filosóficos, pressupõe que um problema ou uma explicação pode ser legitimamente e genuinamente reduzido para um problema informacional.

A Filosofia da Informação no Brasil

É importante frisar que analisamos a Filosofia da Informação proposta por [Floridi](#) (2001) e seu reflexo na literatura científica da Ciência da Informação brasileira. Identificando onde inicialmente Floridi foi citado e, conseqüentemente, o termo “*Filosofia da Informação*”. A Filosofia da Informação no Brasil, enquanto estudo proposto por [Floridi](#) (2001; 2002) em seus artigos “*Open Problems in the Philosophy of Information*”; “*What is the Philosophy of Information?*”, respectivamente, e por conseguinte publicada pelo português [Ilharco](#) (2003) em seu livro “*Filosofia da Informação: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão.*” passou a ser estudada inicialmente, de acordo com as revistas de Ciência da Informação brasileiras, por [Francelin; Pellegatti](#) (2004) no artigo “*Filosofia da Informação: reflexos e reflexões*”, que buscou sistematizar os conceitos propostos por Floridi em seu ensaio sobre a Filosofia da Informação.

No artigo, Francelin e Pellegatti, argumentam sobre a necessidade de uma Filosofia apropriada para uso e estudo da informação, buscam em Floridi, subsídios para a sustentação teórica e o admitem como o primeiro a usar o termo “*Philosophy of information*” (*Filosofia da Informação*). Posteriormente, [Matheus](#) (2005), com o artigo “*Rafael Capurro e a Filosofia da Informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação*”, faz um levantamento da vida e obra do autor Rafael Capurro, analisando suas implicações sobre a Ciência da Informação, seus paradigmas e suas sustentações epistemológicas. É ressaltado na obra que Capurro buscou nos conceitos de Floridi sobre a filosofia da informação, um embasamento para conceitos epistemológicos da Ciência da Informação. Fazendo um breve levantamento da vida e obra do Floridi o autor mostra as visões para a filosofia da informação e sua aplicação nas teorias propostas por Capurro.

A Filosofia da Informação passou a ser contestada com [Robredo](#) (2007) em seu artigo “*Filosofia da Ciência da Informação ou Ciência da Informação e Filosofia?*”, onde o autor elabora uma associação da Ciência da Informação com a filosofia e, conseqüentemente, como a Ciência da Informação sendo, por definição, uma Filosofia da Informação. No referido artigo, Robredo (2007, p.45) atribui Floridi como cunhador do termo “*Filosofia da Informação*” ao dizer que “*só recentemente, Floridi (2001; 2002) surge o termo Filosofia da Informação*”. No argumento, Robredo prossegue afirmando que embora a Filosofia, enquanto área de estudo, fosse uma área milenar, não havia sido ainda atribuída, contextual e formalmente aos estudos da “*Informação*” enquanto conteúdo. No argumento percebe-se ainda, um grande levantamento histórico-filosófico, mostrando a evolução temporal da filosofia e de seus pensadores. Robredo deixa claro no artigo, que a Filosofia da Informação é uma atribuição inata a Ciência da Informação.

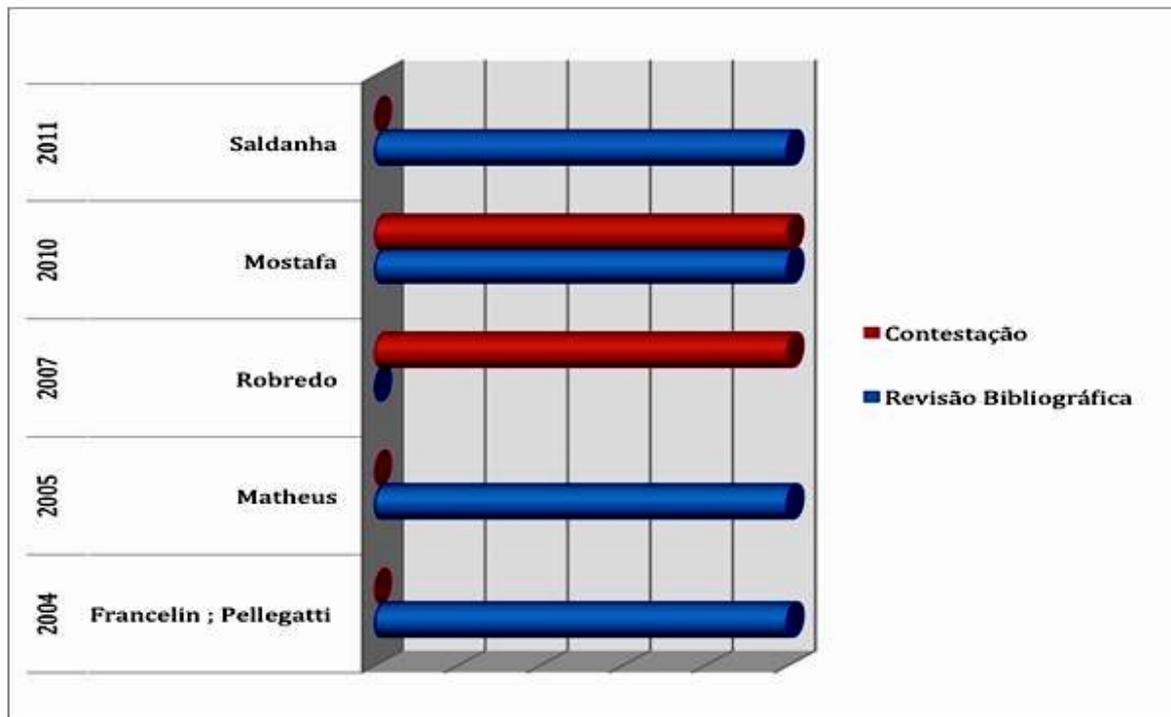
Recentemente, [Mostafa](#) (2010) publicou o artigo de título “*Epistemologia ou Filosofia da Ciência da Informação?*”, onde são abordados, entre outros fatores, certo desconforto provocado por Floridi sobre os autores da Ciência da Informação, com o artigo “*Definindo a Biblioteconomia e Ciência da Informação como filosofia da informação aplicada*”. Nesse artigo, o autor afirma que “*a biblioteconomia e a Ciência da Informação tratam da informação no sentido fraco, ou seja, no documento e seu ciclo de vida*” ([Floridi](#), 2010, p. 39). Tal afirmação gerou uma inquietação nos teóricos da Ciência da Informação,

havendo por consequência espaços para réplicas e tréplicas nas revistas da área. Mostafa aborda ainda, de acordo com a teoria proposta por Floridi, uma análise histórica mostrando os conceitos e fundamentos da Ciência da Informação, para propor uma “*Filosofia da Ciência da Informação*” validando de forma conceitual a sua epistemologia. A autora ainda discorda em alguns pontos da teoria de Floridi, em especial no trecho supracitado, que gerou desconforto na comunidade acadêmica.

E por último, [Saldanha](#) (2011) com o artigo “*O imperativo mimético: a Filosofia da Informação e o caminho da quinta imitação*” que aborda as contribuições “*Floridianas*” para dar base ao seu estudo da Mimese (*A reprodução/criação de um modelo a partir de um referencial*) mostra ainda, a importância da mimese e da Filosofia da Informação, como teorias complementares, para uma melhor reflexão da Ciência da Informação e da informação. Deste modo, mostrando de uma forma ampla, apresentamos os autores e seus respectivos artigos que foram publicados no Brasil, dando subsídio às análises que virão a seguir. As premissas de fundamentação teórica da Filosofia da Informação dizem respeito basicamente às tecnologias de informação e seu impacto sócio-informacional analisando a informação enquanto conteúdo.

[Ilharco](#) (2003) baseado em [Floridi](#) (2001; 2002) elabora, como mostrado nos capítulos anteriores, 15 problemas que podem ser considerados norteadores dos estudos da Filosofia da Informação. Os problemas outrora mencionados são uma compilação da teoria ‘*Floridiana*’, estruturada de forma a ser um instrumento didático para tornar a visualização dos conceitos mais organizada. Mediante aos argumentos, realizaremos uma análise comparativa dos Problemas propostos por [Ilharco](#) (2003) e os Cinco artigos brasileiros, previamente mostrados acima. Porém, antes de analisarmos é importante frisar as características dos artigos brasileiros. Mediante leitura, foi possível perceber que os artigos brasileiros tratam a Filosofia da Informação e seu mentor, Luciano Floridi, de duas formas. A primeira é em uma “*Revisão Bibliográfica*”, onde são usados os conceitos de forma a ser aplicados em revisão sobre o tema ou para dar embasamento a alguma outra teoria. E a segunda é a forma de “*Contestação*”, onde são estruturados conceitos para ir de encontro às teorias propostas por Floridi e, conseqüentemente, por Ilharco sobre a Filosofia da Informação. O gráfico a seguir serve para dar uma melhor visualização a essa bifurcação do tratamento da Filosofia da Informação no Brasil.

Gráfico 1 – Representação Autor, Ano e Perspectiva.



Fonte: os autores

O Gráfico apresenta com as barras vermelhas e azuis a relação dos anos, autores e de que forma eles tratam o objeto de estudo “*Filosofia da Informação*”, se numa perspectiva de *Revisão Bibliográfica* ou em forma de *Contestação*. Desse modo, [Francelin; Pellegatti](#) (2004) com o artigo “*Filosofia da*

Informação: Reflexos e Reflexões” dissertam sobre a filosofia da informação em uma Revisão Bibliográfica. [Matheus](#) (2005) com o artigo “*Rafael Capurro e a Filosofia da Informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação*” também analisa em uma perspectiva da revisão bibliográfica. Já [Robredo](#) (2007) com o artigo “*Filosofia da Ciência da Informação ou Ciência da Informação e Filosofia?*”, faz uma Contestação às teorias proposta pela Filosofia da Informação. [Mostafa](#) (2010) com artigo “*Epistemologia ou Filosofia da Ciência da Informação?*” faz uma mescla de conceitos. Inicialmente a autora trata as propostas 'Floridianas' como base para seu discurso sobre a Epistemologia e a Ciência da Informação, porém no decorrer da obra ela faz contestações sobre as teorias. Por fim, [Saldanha](#) (2011) com o artigo “*O imperativo mimético: a Filosofia da Informação e o caminho da quinta imitação*”, onde é abordada uma *Revisão Bibliográfica da filosofia da informação* para embasar sua pesquisa sobre a Mimese. Contudo, faz-se necessário a análise dos artigos de forma isolada, comparando-os com os problemas propostos por Ilharco. Dessa maneira, associaremos, quando necessário, os questionamentos aos artigos.

Para contextualizar, relembremos os questionamentos propostos por [Ilharco](#) (2003), são eles: 1) *O problema ontológico*; 2) *O problema epistemológico*; 3) *Outro problema epistemológico*; 4) *O problema da realidade*; 5) *O problema da verdade*; 6) *O problema do ser*; 7) *O problema dos níveis de abstração*; 8) *O problema dos dados*; 9) *O problema do conhecimento*; 10) *O problema da ação*; 11) *O problema da comunicação*; 12) *O problema da utilidade*; 13) *O problema da tecnologia em geral*; 14) *O problema da informação tecnológica como contexto*; 15) *O problema ético*. São esses problemas que usaremos como análise comparativa, verificando se os autores brasileiros da Ciência da Informação argumentam sobre eles. Para formalizar e tornar a comparação mais coerente focaremos nossas análises nos resumos dos artigos mencionados, visto que, os resumos segundo a [Abnt/nbr 6028](#) (2003) são a “*apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento*”. Foram analisados todos os artigos e realizada a leitura na íntegra, mas, para uma melhor visualização, seguirá o resumo e logo após seus pontos de convergência com os problemas supracitados.

Começaremos a análise pela ordem cronológica, dessa maneira, dar-se início pelo artigo “*Filosofia da Informação: Reflexos e Reflexões*” do ano de 2004 tendo autores Marivade Francelin e Caio Pegalletti. O artigo tem como resumo: “*A filosofia não pode restringir-se apenas à busca da verdade. A informação não é apenas suporte para o conhecimento. O pensamento no século XXI, encontra-se perante dilemas até então desconhecidos ou evitados. A sujeição e a prova de “novos” pensamentos ocorrem através de crises e rupturas. O processo de conhecer o conhecimento ou o de pensar o pensamento, indubitavelmente forma, e são importantes etapas no desenvolvimento do total conhecimento humano. Buscando-se a inserção e o entendimento da própria informação relacionada a esses processos, o presente trabalho propõe uma filosofia que pense essa informação, ou seja, uma Filosofia da Informação*” ([Francelin; Pellegatti](#), 2004).

No artigo e no próprio resumo é possível observar que os autores validam a teoria da Filosofia da Informação e sistematizam as atribuições teóricas para a Ciência da Informação. No discurso foi possível observar as aproximações com os seguintes problemas: a) *O problema ontológico, ou seja, o problema de fundo, basilar, que constitui o próprio campo de reflexão e análise é a questão ontológica: qual a natureza da informação?* b) *O problema epistemológico observando se a filosofia havia esquecido a questão informação ao ter avançado para a questão do conhecimento.* c) *O problema do conhecimento observa qual a relação entre informação e conhecimento e se é possível o ser humano, estar no mundo, sem conhecimento.* d) *O problema da comunicação perguntando-se que é a comunicação? Será a comunicação a transmissão de informação?* e) *O problema da tecnologia em geral questionando qual a relação do fenômeno da informação, e dos fenômenos que lhe são adjacentes, com o mundo tecnológico.*

No ano subsequente, 2005, temos o artigo “*Rafael Capurro e a Filosofia da Informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação*” do autor Renato Fabiano Matheus, o artigo tem o seguinte resumo: “*Analisa a obra de Rafael Capurro no que diz respeito à Ciência da Informação. Verifica a influência da formação pessoal e acadêmica de Capurro em sua abordagem epistemológica na área. Revê as raízes históricas da Ciência da Informação, os conceitos de informação e de mensagem, e os paradigmas e propostas sugeridos por Capurro. Destaca suas contribuições para a área, especificamente: a fundamentação filosófica para o campo, através da hermenêutica; a identificação da existência do Trilema de Capurro; e a proposição da angelética – a teoria da mensagem. Como alternativas à sua avaliação de que a hermenêutica seria o único paradigma disponível para a área, sugere que a pesquisa deve se ocorrer através de programas de pesquisa interdisciplinares, com*

abordagens filosóficas, teóricas e práticas, agregados em torno de temas, ou problemas. Os programas apoiariam a coexistência prolífica de abordagens orientadas para a tecnologia, para o usuário e para a sociedade" (Matheus, 2005).

No decorrer do texto e nas estruturações das ideias fica claro que o foco do autor são os conceitos a respeito do Capurro, porém, o autor busca as aproximações da reflexão filosófica proposta por Capurro através da Hermenêutica e da Teoria proposta por Floridi na Filosofia da Informação. No artigo foi possível observar aproximações com os seguintes problemas:

- O problema ontológico, associando a questão do estudo de fundo, estruturando um estudo a respeito da natureza da informação.
- O problema epistemológico, questionando-se sobre a questão da informação e conhecimento e observando em que nível a Filosofia trabalha na Ciência da Informação.
- Outro problema epistemológico, observando quais as ferramentas são utilizadas para estudo e uso da informação.
- O problema do ser analisando as relações da informação e do Ser.
- O problema dos dados. Para estruturação dos conceitos de mensagem propostos por Capurro o autor argumenta sobre os problemas dos dados.
- O problema do conhecimento. Analisando as relações e conceitos da informação e conhecimento.
- O problema da comunicação. Buscando as relações sobre a comunicação para embasar os paradigmas propostos por Capurro e sua relação com Filosofia da Informação.
- O problema da tecnologia em geral, como a tecnologia influenciou nos questionamentos a respeito da informação enquanto conteúdo.

Percebesse grande presença dos problemas neste artigo devido ao tema tratado, as premissas de Capurro convergem e também divergem das de Floridi em vários pontos. No ano de 2007 o artigo "Filosofia da Ciência da Informação ou Ciência da Informação e Filosofia?" do autor Jaime Robredo, foi o primeiro a contestar as propostas de estudo lançadas por Floridi (2001), o artigo tem o seguinte resumo: "A Filosofia, nos séculos XIX e XX, experimentou profundas mudanças nas abordagens do estudo do conhecimento. Sendo conhecimento, informação e comunicação conceitos indissociáveis, é surpreendente observar a baixíssima frequência com que os filósofos da modernidade e da pós-modernidade utilizam os termos informação e comunicação, na formulação de suas reflexões. Só recentemente surgiu a expressão 'filosofia da informação' e, mais recentemente, 'filosofia da Ciência da Informação', o que contrasta com o uso bem mais antigo do termo filosofia associado à política, ao direito, à economia, à história, à ciência, à educação, à arte, etc. Avançam-se algumas idéias que podem contribuir para uma reflexão sobre a plausibilidade ontológica do que se pretende significar com a expressão 'filosofia da Ciência da Informação'. O pensar filosófico pode levar a uma melhor compreensão da importância da linguagem – em todas as suas formas e representações – que nos aproxime do cerne da própria Ciência da Informação" (Robredo, 2007).

É estruturado no artigo um levantamento da história da filosofia no mundo e seus maiores legados para a humanidade. O artigo, basicamente, concentra-se na ideia de que o estudo da Filosofia da Informação é, por definição, da Ciência da Informação, sem que precise de uma "Filosofia externa" para estudar o objeto de estudo da Ciência da Informação. No artigo são discutidos os alicerces de construção conceitual da Ciência da Informação e da estruturação do pensamento científico Filosófico, porém não são aprofundados os conceitos da Filosofia da Informação propriamente dita. Todavia é possível identificar alguns problemas, são eles: a) O problema ontológico, onde é mostrado o problema de fundo em questão, argumentado sobre os conceitos da informação e sua aplicação. b) O problema epistemológico buscando os conceitos primeiros para definição de um estudo filosófico da informação. c) Outro problema epistemológico, verificando quais "ferramentas" e/ou instrumentos será utilizado de forma apropriada para estudo e análise da informação.

Três anos após, em 2010, o artigo “*Epistemologia ou Filosofia da Ciência da Informação?*” da autora Solange Puntel Mostafa, que surgiu após a publicação do artigo do [Floridi](#) (2010) “*Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como Filosofia da Informação Aplicada: uma reavaliação*” foi escrito para pontuar algumas questões relacionadas ao desconforto provocado por Floridi nos autores em Ciência da Informação, ao admitir que o estudo da Biblioteconomia e Ciência da Informação estava apenas voltado para tratar a Informação enquanto objeto de preservação e disseminação, sem buscar de forma mais intensa sua reflexão enquanto conteúdo. O artigo tem o seguinte resumo: “*Discute a proposta filosófica de Luciano Floridi para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como a reação dos teóricos da área à referida proposta. Saúda a coragem do jovem filósofo italiano oriundo da área computacional, na quebra da hegemonia epistemológica como fundamento para a Biblioteconomia e Ciência da Informação; mas distancia-se da Filosofia da Informação em favor de uma filosofia da Ciência da Informação, em que a criação de conceitos, na inspiração Deleuze-Guattariana é um imperativo; assim apresenta dois conceitos filosóficos para a área de organização do conhecimento; são eles: linguagem documentária menor e classificação descritiva por afetos, dando conta de todos os elementos do conceito filosófico: o problema a que o conceito remete; os componentes do conceito; a vizinhança e seus contornos e o mais importante, o devir do conceito filosófico nas práticas científicas ou artísticas*” ([Mostafa](#), 2010).

A autora inicia o artigo argumentando justamente sobre o desconforto causado por Floridi, e em seguida faz um breve levantamento biográfico e bibliográfico do autor, mostrando seus principais conceitos sobre a Filosofia da Informação. A autora propõe um estudo baseado em Floridi, mas diverge em alguns pontos e sugere ao invés de uma Filosofia da Informação, uma “*Filosofia da Ciência da Informação*”, como afirma: “*Adotaremos uma outra maneira de filosofar, diferente da floridiana, mas não retiraremos dele o mérito de ter colocado a questão ontológica, muitas vezes ausente em importantes autores da Ciência da Informação. Se Floridi advoga uma Filosofia da Informação, capaz de abarcar várias ciências aplicadas, nossa pretensão, bem mais modesta, é dirigir-nos apenas à Ciência da Informação, de maneira filosófica, por isso, filosofia da Ciência da Informação.*” ([Mostafa](#), 2010, p. 69) É possível observar que a autora procura estudar a Ciência da Informação bem como suas atividades, em uma perspectiva de fundo embasada na Filosofia. Diante disso, podemos observar os seguintes problemas no discurso:

-O problema ontológico, analisando os problemas conflitantes da informação.

-O problema epistemológico, justamente analisando as relações da epistemologia e sua aplicação com a informação, conhecimento e com a Ciência da Informação de forma geral.

-Outro problema epistemológico, discutindo quais os instrumentos e ferramentas para estudo da Informação enquanto conteúdo.

-O problema dos níveis de abstração, quais os níveis de abstrações necessários para configura a informação enquanto conteúdo.

-O problema do conhecimento. Faz uma amostragem da diferença entre a informação e conhecimento.

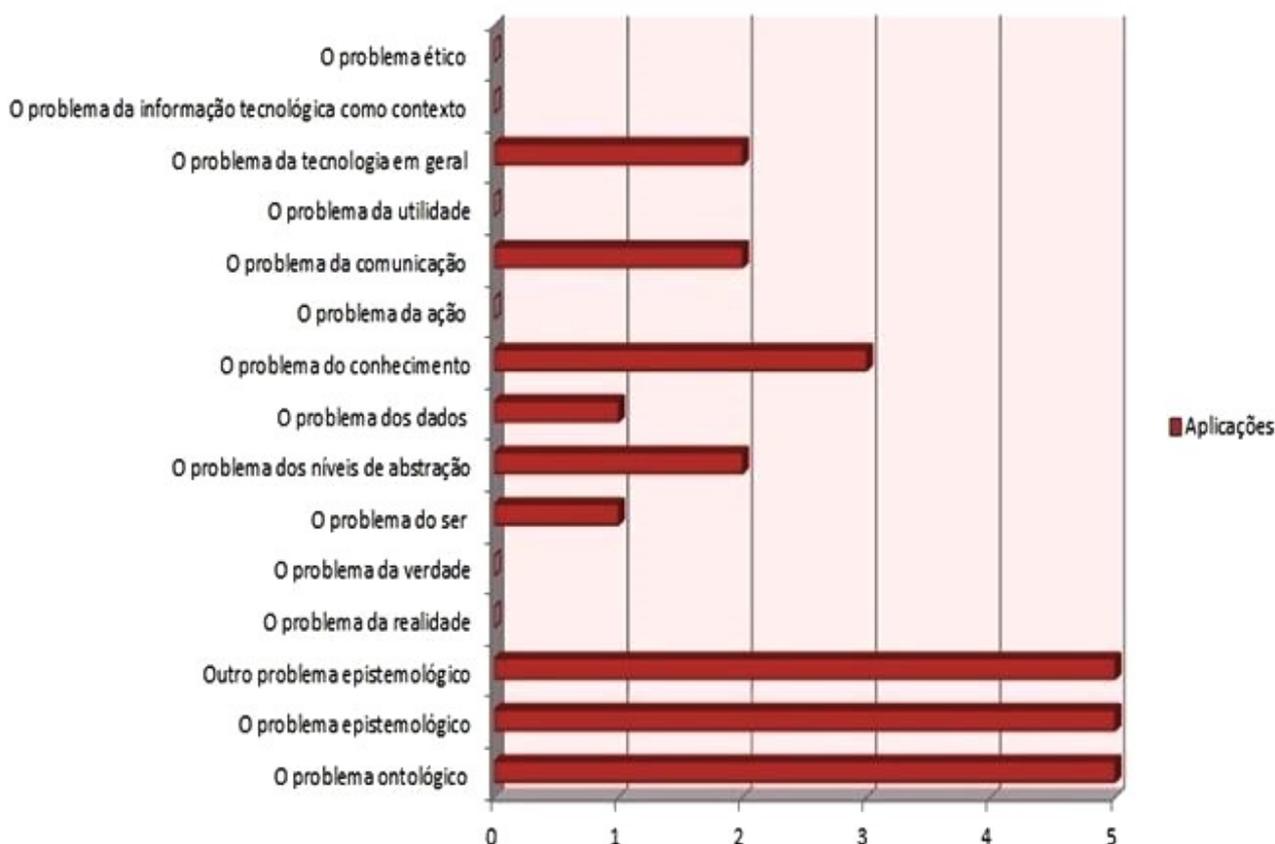
Por fim, no ano de 2011, o autor Gustavo Saldanha, com o artigo “*O Imperativo mimético: a Filosofia da Informação e o caminho da quinta imitação*” que tem como resumo: “*O texto desenvolve uma análise filosófica do conceito de mimese inserido na filosofia da organização dos saberes como uma unidade fundamental para o pensamento histórico da Ciência da Informação. É revisada a noção de mimese no contexto da Antiguidade, demarcando a rejeição à imitação manifestada por Platão e a abordagem aristotélica sobre as representações. Os fundamentos dos estudos informacionais são revisados a partir da presença determinante deste conceito em sua formalização. Três abordagens são investigadas neste contexto: Gutenberg e a prensa; Otlet e o livro; Bush e o Memex. O trabalho conclui demarcando a dupla significação de uma fundamentação mimética para o campo, a saber, representação e educação*” ([Saldanha](#), 2011).

Nos conceitos expostos no artigo é elaborado pelo autor um discurso sobre a Mimese (*designação a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte*), atribuindo especificamente como alicerce para construção de

novos conceitos e fundamentos. Como prossegue afirmando: "Neste âmbito, a prática histórica do organizador dos saberes pode ser reconhecida, nesta revisão, como a de um imitador que coleciona e produz imitações. Em outras palavras, este artífice atua com meta-mímemas. O mímema apresenta-se como seu objeto primeiro. Sua crença no saber está no reconhecimento de que, o que existe, antes, é a crença de que há a "crença na imitação" – donde provém seu ofício/mistério. E que esta imitação pode também ser conhecimento, prazer, jogo, educação. Disciplinas comuns na formalização dos currículos das escolas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação" (Saldanha, 2011. p. 17).

A Filosofia da Informação é atribuída ao contexto do discurso do autor para dar embasamento a seu argumento sobre Mímese. Dessa forma configuram-se alguns problemas no argumento: a) O problema ontológico, Analisando a natureza da informação. b) O problema epistemológico, suas questões pertinentes ao estudo basilar da informação. c) Outro problema epistemológico. Com os argumentos da dos instrumentos para estudo da informação. d) O problema dos níveis de abstração, a informação e seus níveis de abstração para conceituação. O autor não se aprofunda nos conceitos da Filosofia da Informação, dado que, são buscados apenas alguns conceitos 'Floridianos' para embasar sua pesquisa. Em suma, podemos observar todos os artigos validando a necessidade do estudo filosófico da informação, embora alguns discordem da Filosofia da Informação proposta por Floridi, fica evidente a necessidade do estudo. Para melhor visualizar o que foi apresentado nessa análise comparativa, segue o gráfico, mostrando os problemas e suas aplicações nos artigos.

Gráfico 2 – Problemas da Filosofia da Informação e suas aplicações nos artigos



Fonte: os autores

Dessa forma, temos uma predominância de uma abordagem da Filosofia da Informação no Brasil em uma perspectiva Epistemológica e ontológica, visto que, todos os artigos analisados tratavam desses problemas. Estruturamos aqui, um levantamento das perspectivas dos estudos da Filosofia da Informação no Brasil, bem como suas abordagens e seus conceitos, ilustrando o estado da arte desse debate no campo da Ciência da Informação brasileira.

Considerações finais

O que é novo na Filosofia da Informação é a possibilidade de sob um mesmo e novo paradigma, o da Informação, poder levar a uma reflexão crítica e essencial sobre os pressupostos, os métodos, os

problemas e as soluções de uma cada vez maior parte das atividades tecnológicas, científicas, profissionais, culturais e sociais do mundo contemporâneo. A Filosofia da Informação pretende se consolidar enquanto área formal de estudo, devido a sua recente discussão na literatura científica. Sua importância é relatada de forma muito promissora pelos autores que se propõe a estudá-la. Como mostrado, a Ciência da Informação tem uma série de lacunas a serem respondidas e estudadas. Paradigmas surgem e suas fronteiras com outras disciplinas e até mesmo com seus limites conceituais não estão claramente definidas, o que dá margem para as discussões sobre a Filosofia da Informação.

O estudo e aplicação das teorias propostas por Floridi para uma Filosofia da Informação estruturada nos alicerces conceituais da Filosofia enquanto área de estudo formal ganhou intensa discussão na literatura científica da Ciência da Informação, pois, alguns conceitos parecem negar as atribuições da Ciência da Informação, o que causou certo desconforto para os teóricos. Assim, Floridi parece desconhecer ou desconsiderar, alguns atributos da Ciência da Informação no que tange ao tratamento da Informação, não observando que a Ciência da Informação não está pautada apenas na análise do documento, mas também, considera a informação enquanto conteúdo, observando seus fluxos e aplicações sociais.

Porém mesmo com os desconfortos causados pelos conceitos propostos por Floridi, é notório que suas teorias causaram grande agitação na literatura científica da Ciência da Informação brasileira, alertando os teóricos para um estudo que a anos parecia ser ignorando ou, pelo menos, não estudado com tanta profundidade conceitual. Ilharco baseado em Floridi propôs 15 problemas fundamentais para a Filosofia da Informação, mediante análise dos problemas realizou-se leitura e análise dos artigos selecionados nas fontes de informações, elaborou-se uma relação entre os conceitos tratados nos artigos e suas aproximações com os problemas.

Essa análise resultou em dois gráficos, mostrando as aproximações dos conceitos e dos problemas. As análises mostraram em primeiro plano que os autores brasileiros tratavam a Filosofia da Informação em duas perspectivas. A primeira, em uma “*Revisão Bibliográfica*” e a segunda em forma de “*Contestação*”. Assim, ficou evidente que a maioria dos autores brasileiros tratava o assunto em uma abordagem de Revisão Bibliográfica. Em segundo plano, o gráfico seguinte mostrou a relação dos problemas propostos e o número de vezes de sua utilização nos artigos. Dessa maneira, foi possível observar que os problemas mais contemplados nos artigos foram os que diziam respeito às questões Epistemológicas e Ontológicas da Informação.

Outra consideração que vale a pena trazer à tona trata sobre a relação dos estudos brasileiros da *Filosofia da Informação* terem uma aproximação muito intensa com a *Epistemologia*, diz respeito a uma estrutura histórica de estudos científicos elaborados na Ciência da Informação brasileira. Onde, para se falar em “*Filosofia*” de uma “*Informação*” buscavam-se conceitos relacionados à *Epistemologia*, como se esta fosse a única faceta de estudo da *Filosofia*. *A Filosofia da Informação perpassa pela Epistemologia e permeia outras estruturas filosóficas, tais como, a Ética e o Contexto Tecnológico*.

Assim, por se tratar de um tema cada vez mais discutido na Ciência da Informação, espera-se que as considerações aqui apresentadas sirvam como mais uma contribuição para o desenvolvimento do estudo sobre a Filosofia da Informação, observando seus conceitos e suas implicações conceituais, analisando suas aproximações e divergências com os estudos propostos na Ciência da Informação brasileira.

Bibliografia

- ANDRÉS VIZER, Eduardo. A trama (in)visível da vida social: comunicação, sentido e realidade. Porto Alegre: Sulinas, 2011.
- BARRETO, Aldo Albuquerque. A condição da informação. São Paulo em Perspectiva, São Paulo. v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci_arttext> Acesso 15 out 2013. [editor DGZ]
- BARRETO, Aldo Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). Para Entender a Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-34. <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para entender a ciencia da informacao.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf)> Acesso 15 out 2013. [editor DGZ]
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CAPURRO, Rafael. Epistemología y Ciencia de la Información. 2007. Disponível em: <<http://www.capurro.de/enancib.html>>.

Acesso em: 08 mar 2011.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. The concept of Information. Annual Review of Information Science and Technology. v. 37, cap. 8, p. 343-411, 2003.

COUZINET, Viviane; SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. A Ciência da Informação na França e no Brasil. DataGramaZero, Rio de Janeiro. v. 8, n. 6, 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez07/Art_03.htm>. Acesso em: 27 set. 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é Filosofia? 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

FLORIDI, Luciano. Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como Filosofia da Informação Aplicada: uma reavaliação. In: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto. v. 1, n. 2, p. 37-47, jul./dez. 2010.

FLORIDI, Luciano. Ethics and Information Technology. v.3, n.1, p. 55-66, 2001. Disponível em: <<http://www.wolfson.ox.ac.uk/~floridi>>. Acesso em: 8 set 2011.

FLORIDI, Luciano. Open Problems in the Philosophy of Information. Metaphilosophy, V. 35, n.3, 2004. Disponível em: <<http://www.wolfson.ox.ac.uk/~floridi>>. Acesso em: 8 set. 2011.

FLORIDI, Luciano. What is philosophy of information? Metaphilosophy, v. 33, n.1/2, p.123-145, 2002. Disponível em: <<http://www.wolfson.ox.ac.uk/~floridi>>. Acesso em: 8 set. 2011.

FLORIDI, Luciano. Information: a very short introduction. London: Oxford University Press, 2010.

FRANCELIN, Marivalde Moacir; PELLEGATTI, Caio. Filosofia da Informação: reflexos e reflexões. Transinformação, v.16, n.2, p.123-132, maio/ago. 2004.

FREIRE, Isa. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da Ciência da Informação. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.1, n. 1, p.1-31, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/9/16>>. Acesso em: 27 set. 2011.

GLEICK, James. Information. New York: Pantheon Books, 2011.

ILHARCO, Fernando. Filosofia da Informação: alguns problemas fundadores. In: SOPCOM, 3, 2004. Anais..., v. 2, 2004.

ILHARCO, Fernando. Filosofia da Informação: uma introdução à informação como fundação da ação, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica, 2003.

LÉVY, P. O que é o Virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

MARQUES MELO, José. Teorias da Comunicação: paradigmas Latino-Americano. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a Filosofia da Informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte. v.10 n.2, p.140-165, jul./dez.2005.

MOSTAFA, Solange Puntel. Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação? Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa. v.20, n.3, p. 65-73, set./dez. 2010.

PÉREZ TAPIAS, José Antonio. Internautas e naufragos: a busca do sentido na cultura digital. São Paulo: Loyola, 2006.

PRADO JUNIOR, Caio. O que é filosofia. São Paulo: Brasiliense, 2008

ROBREDO, Jaime. Filosofia da Ciência da Informação ou Ciência da Informação e Filosofia? In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). Para Entender a Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 35-74. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para_entender_a_ciencia_da_informacao.pdf>. Acesso 15 out 2013. [editor DGZ]

ROMERO, Thiago. Diferenças entre Ciência, Tecnologia e Inovação. Disponível em: <<http://inovabrasil.blogspot.com/2007/08/diferenas-entre-cincia-tecnologia-e.html>> Acesso em: 10 out 2011.

SALCEDO, Diego A. A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000. Recife: EDUFPE, 2010.

SALDANHA, Gustavo. O imperativo mimético: a Filosofia da Informação e o caminho da quinta imitação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12. 2011. Brasília-DF. Anais... Brasília-DF: UNB, 2011. p. 1-20.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Software livre: a luta pela liberdade do conhecimento São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Sebastião. Fundamentos filosóficos da biblioteconomia. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília. v. 14, n. 2, p. 189-196, jul./dez. 1986.

WERTHEI, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. Ciência da Informação, Brasília. v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.

Sobre os autor / About the Author:

[1] Diego Andres Salcedo, [2] Túlio de Moraes Revoredo

Email de referência: salcedo.da@gmail.com

[1] Professor e Doutor em Comunicação. Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. [2] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco.